

Livros
| **Lélia Gonzalez***

de Alex Ratts e Flavia Rios

Em bom *pretuguês*: Lélia Gonzalez, uma quilombola americana

In Good *Pretuguês*: Lélia Gonzalez, an Amerafrican Escaped Slave Community

por Bianca Vieira**

Tratar, por exemplo, da divisão sexual do trabalho sem articular com seu correspondente racial é recriar uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco.

Lélia Gonzalez

Em 2010, o antropólogo Alex Ratts e a socióloga Flavia Rios publicaram a biografia de Lélia Gonzalez. Mais que uma grande personagem, trata-se da trajetória da intelectual, feminista e militante do movimento negro brasileiro. O percurso de Lélia é um presente não apenas para o(a)s pesquisadore(a)s acadêmico(a)s que se lançam na tarefa de compreender a formação brasileira, mas também é valioso para os movimentos feminista, negro, de mulheres negras e homossexual que nos dias de hoje persistem na luta por transformação social.

“Antes de se tornar Lélia Gonzalez”, título do primeiro capítulo, a pequena recebeu o nome de Lélia de Almeida e era a décima-sétima de dezoito filhos de uma empregada doméstica de ascendência indígena e de um ferroviário negro getulista. Nascida em Belo Horizonte, nutria verdadeira admiração pelo seu irmão mais velho, Jaime, jogador de futebol que viria a ter uma próspera carreira e a quem ela chamava de “pai simbólico”. O irmão recebeu o convite para jogar

* São Paulo: Selo Negro, 2010. Coleção Retratos do Brasil Negro.

** Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp, Campinas-SP, Brasil.
End. eletrônico: bianca-rp@hotmail.com

no Fluminense em um momento em que o racismo cerceava vigorosamente o acesso dos jogadores negros aos grandes clubes. Entretanto, vivenciou tal inserção permeada por um imaginário que recorrentemente associa de forma estereotipada o papel do negro ao universo do entretenimento e da arte. Foi por meio desta oportunidade que Lélia e sua família se deslocaram para o Rio de Janeiro.

Seus estudos foram inicialmente financiados pelos patrões de sua mãe, que além de doméstica, prestava serviços como ama de leite. Desde os primeiros anos, Lélia teve um desempenho impecável e se destacou nos estudos. Sua trajetória escolar a conduziu a uma carreira acadêmica igualmente exitosa, como se pode observar por sua ampla formação: bacharel em filosofia, ciências e letras, licenciatura em história e geografia, fluência em francês, inglês e espanhol.

Contudo, em seus relatos assinalava que o distanciamento ideológico de sua comunidade fazia com que se sentisse mais insegura e vulnerável à ideologia que, posteriormente, identificaria como a do branqueamento. Sua enorme timidez derivava, em grande medida, disto. Observa que seu deslocamento do “lugar de negro” se faz visível pelo clareamento progressivo a cada passo em que avança e a cada novo espaço que passa a ocupar. Tais experiências colocaram exigências de enquadramento que passaram também por uma construção pessoal e corpórea de aculturação, em que a imposição de uma “postura exemplar” enquanto docente universitária é fortemente demarcada pela estética da brancura.

Logo no início do segundo capítulo, aparece o doloroso processo de tomada de consciência de sua condição. Foi no casamento de Lélia com Luiz Carlos Gonzalez, estudante de filosofia, branco de origem hispânica, que o racismo se manifestou de forma ainda mais evidente. A aliança de um homem branco com uma mulher negra descendente de indígenas, simbolicamente ilustrado no “projeto das três raças”, é posta à prova e tem suas contradições explicitamente expostas na hostilidade da família de Luiz Carlos, que entendia o relacionamento como “concubinato”, sendo o casamento formal para eles inadmissível. A pressão familiar o fragiliza e pouco tempo depois o leva ao suicídio.

Ante a tamanha tragédia e considerando o importante papel que Luiz Carlos desempenhou em seu despertar para um questionamento de sua própria condição de branqueamento e de identidade, Lélia decide manter o sobrenome Gonzalez em sua homenagem. Ela fez um movimento de retorno às origens. Em busca de si mesma, mergulhou em circuitos sociais e políticos. As reuniões com professores, como Lincoln Penna, muitas vezes sediadas em sua casa, incluíram seu nome nos fichários do Departamento de Ordem e Política Social (DOPS) sob a acusação de “envolvimento no recrutamento de adeptos à doutrina marxista”. Iniciou-se aí seu processo de insurgência e formação como intelectual ativista.

Nesta busca de si, encontrou na psicanálise e no candomblé importantes instrumentos para o “descobrimto de sua negritude” e para a construção de uma consciência de gênero. Seus estudos sobre a obra de Lacan influenciou, em grande medida, a abordagem feita por profissionais brasileiros formados por esta escola. As reflexões de Lélia promoveram uma leitura sensível às especificidades da cultura brasileira. Partindo desses trabalhos, formula a ideia de uma América africana ou *Amefricana*, em contrapartida de uma evocação de latinidade que não reconhecia as singularidades do nosso continente no que tange à contribuição cultural africana. Lélia se aprofundou na teoria lacaniana e se apropriou de conceitos que a ajudaram a apreender fenômenos próximos à sua realidade como, por exemplo, o conceito de nomeação do sujeito que utilizou para compreender a natureza dos termos, típicos de uma sociedade “cordial”, usados para atribuir predicados “positivos” às pessoas negras, mas que não deixam de carregar uma carga estereotipada. Todavia, não se limitou às categorias ocidentais e buscou encontrar modos de estruturação do pensamento no saber diaspórico como ferramenta para responder a suas inquietações, o que fica ainda mais latente com o aprofundamento de seus estudos sobre o candomblé.

Toda esta transformação em seu modo de olhar para a realidade contribuiu para a construção de uma imagem pública. O uso de seus cabelos crespos e de roupas com cores vivas expressam um “processo de corporificação da consciência negra”. A construção dessa identidade passa também pela sua liberdade de expressão escrita ou falada. Sua intensa produção acadêmica está marcada por expressões populares, linguagem definida por ela como *pretuguês*. O uso que fazia das gírias nos provoca a reflexão sobre a abrangência do conhecimento produzido e a quem ele comunica. Lélia por diversas vezes chamava a atenção do leitor ao ressignificar termos usualmente carregados de um valor semântico pejorativo. O sarcasmo era também um artifício de denúncia, como se observa em sua provocação acerca da ideia de “racismo às avessas” em que constata que tal crença pressupõe o reconhecimento de um racismo “às direitas”.

Esteve diretamente envolvida com os movimentos sociais populares e participou de diversos atos culturais e políticos. Foi capaz de reconsiderar sua avaliação sobre a ampliação dos bailes black dos anos 70, antes entendidas por ela como espaços estereis de crítica e mobilização social, posteriormente entendidos como polos de resistência cultural e de construção identitária da juventude negra. Este balanço a permitiu compreender o potencial de uma construção de ação política a partir dos espaços de lazer, visto que os símbolos da negritude afro-americana na luta por direitos civis passaram a ser vistos pelos militares como ameaça à ordem nacional. A autoafirmação de uma identidade

negra era capaz de evidenciar os limites do discurso nacional da miscigenação como valor democrático.

Lélia Gonzalez presenciou a convergência de interesses do movimento soul com associações e organizações negras na assinatura do manifesto do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, lido em frente ao Teatro Municipal de São Paulo em julho de 1978. Uma data emblemática para o movimento negro em nível nacional.

Apesar da perseguição aos movimentos críticos à suposta democracia racial, sua militância foi fundamental para a ampliação das redes de mobilização, não apenas em território nacional como também internacionalmente. Lélia empenhou-se na luta pela redemocratização do país, valendo-se da memória da República de Palmares como projeto alternativo para uma sociedade livre de fato. Produto disto, foi a Campanha de substituição da comemoração da Lei Áurea pelo dia da consciência negra em 20 de novembro, dia em que Zumbi foi assassinado.

No entanto, a autora não romantizava os movimentos em que atuava e repreendia incisivamente o comportamento machista de seus companheiros de luta. Denunciou as particularidades e agravantes da condição da mulher negra não só na esfera privada como em sua inserção marginal no mercado de trabalho. Criou o coletivo Nzinga objetivando a articulação entre teoria e intervenção social para responder a suas inquietações no que diz respeito às demandas específicas das mulheres de comunidades e temas relativos aos movimentos feminista e negro, eixo central de seu pensamento.

Foi precursora também ao desvelar diante do feminismo as profundas clivagens entre mulheres brancas e negras, denunciando que o peso das desigualdades recai com maior densidade sobre a mulher negra. Para ela, a “liberdade das mulheres estava assentada na exploração de classe e raça de outras mulheres que não dispunham dos mesmos privilégios sociais”. Foi também incisiva ao indicar que a constante tentativa das esquerdas em reduzir a questão do negro a uma dimensão exclusivamente econômica e simplificar a superação dos conflitos raciais a um combate exclusivamente centrado do classismo, não era capaz de apreender a complexidade das relações sociais desiguais no Brasil, pois reproduzia um discurso universalizante falacioso.

A biografia escrita por Alex Ratts e Flavia Rios, nos coloca diante de um desafio: “Depois de Lélia Gonzalez” – título dado ao terceiro capítulo –, qual a nossa tarefa? Responder a esta pergunta nos leva a retomar o conjunto da obra da intelectual, feminista e militante negra que, segundo os autores, é um exercício vital para uma análise sensata da realidade brasileira. As categorias utilizadas

por Gonzalez permanecem atuais e contribuem para um exame minucioso das relações sociais no país. Seu olhar atento e sensível às particularidades da constituição de uma sociedade marcada por conflitos de classe, mas também de “raça” e de gênero, permitiu que ela vislumbrasse aspectos estruturantes de relações sociais e de poder comumente secundarizados nas pautas dos movimentos sociais e da academia. O legado de Lélia Gonzalez tem sido fonte de inspiração para as gerações que a sucederam e encontram em sua trajetória a motivação para o questionamento dos “lugares” preestabelecidos pelas desigualdades estruturais.